

BRASIL NA CONTRAMÃO DO DESENVOLVIMENTO***BRAZIL ON THE WRONG SIDE OF THE DEVELOPMENT***Diego Armando de Sousa Paz¹, Allison Bezerra Oliveira²**Submetido em: 14/07/2021**

e27602

Aprovado em: 24/08/2022<https://doi.org/10.47820/recima21.v2i7.602>**RESUMO**

Esta resenha tem como objetivo enfatizar de forma crítica as ideias das seguintes obras “Velhos dilemas, antiquadas soluções: o Brasil na contramão do desenvolvimento” com os autores Fernanda Grazielle Cardoso e Cristina Fróes de Borja Reis, “Tendências do desenvolvimento regional recente no Brasil” com Tânia Bacelar de Araújo e “Estado Nacional e Escalas Geográficas: uma abordagem exploratória a partir de Neil Smith” com autor Danilo Jorge Vieira.

PALAVRAS-CHAVES: Contramão do desenvolvimento. Desenvolvimento regional. Escalas Geográficas.

ABSTRACT

The review critically emphasizes the ideas of the following works "Old dilemmas, old-fashioned solutions: Brazil on the wrong side of the development" with the authors Fernanda Grazielle Cardoso and Cristina Fróes de Borja Reis. "Trends of recent regional development in Brazil" with Tânia Bacelar de Araújo and "Estado Nacional e Escalas Geográficas: an exploratory approach from Neil Smith" with author Danilo Jorge Vieira.

KEYWORDS: *Wrong side of the Development. Regional development. Geographical Scales.*

INTRODUÇÃO

O presente texto é uma resenha de ideias das seguintes obras “Velhos dilemas, antiquadas soluções: o Brasil na contramão do desenvolvimento” com os autores Fernanda Grazielle Cardoso e Cristina Fróes de Borja Reis, “Tendências do desenvolvimento regional recente no Brasil” com Tânia Bacelar de Araújo e “Estado Nacional e Escalas Geográficas: uma abordagem exploratória a partir de Neil Smith” com autor Danilo Jorge Vieira.

REVISÃO TEÓRICA

O artigo de Cardoso e Reis “Velhos dilemas, antiquadas soluções: o Brasil na contramão do desenvolvimento” vem destacar de forma ampla os aspectos econômicos do Brasil atrelado a sua balança comercial e os problemas ocasionados pela priorização na exportação de matérias-primas através da exploração de seus recursos naturais. Contudo, para expor esse tema com mais abrangência é necessário salientar a importância dos conceitos de crescimento econômico e desenvolvimento econômico enviesado no Brasil relacionando seu contexto histórico de submissão.

¹ Economista e acadêmico do curso de geografia da Universidade Estadual do Maranhão – Uemasul.

² Doutor e professor adjunto do curso de geografia da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – Uemasul.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

BRASIL NA CONTRAMÃO DO DESENVOLVIMENTO
Diego Armando de Sousa Paz, Allison Bezerra Oliveira

Submissão essas que parte de relações de exploração entre um país colônia (Brasil) a outro país metrópole (Portugal) já no período colonial. Desse modo, nos primórdios da colonização, tem-se o Brasil como principal exportador de matéria-prima para Portugal, matéria-prima essa sempre pautados no setor primário e, assim sendo, proibido de forma direta a manufaturar suas próprias matérias-primas.

Já no império essa relação não tem grandes avanços no qual o setor primária, apesar de um início de industrialização no país ser o foco das exortações. Não muito distante dos dias atuais, por conta da feroz divisão internacional do trabalho, essa analogia de país colônia ainda pode ser empregada em vista que o Brasil, como país periférico, vem se subordinando a países ditos desenvolvidos.

Paralelamente a essa relação subalterna entre periféricos e desenvolvidos, se pode destacar as principais diferenças entre o que seria crescimento e o que seria desenvolvimento econômico, sendo esses conceitos arraigados pelas transformações ocasionadas pelo desenvolvimento desigual e combinado. Logo, se tem o Brasil entre os 10 (dez) países com maior PIB do mundo, ainda exportando em sua grande maioria produtos primários e tendo que importar tecnologia de países desenvolvidos, o que implica atrasos para o país em vista das mazelas ocasionados pela priorização da exploração de seus recursos naturais para assim atender a demanda externa.

Esses processos que limitam o desenvolvimento do Brasil se agravam mais quando índices de industrialização, que outrora eram para estar em crescimento, começam a cair, assim havendo desindustrialização. Dessa maneira, Brasil como um país de industrialização tardia tem esses índices agravados a partir das décadas 1980 e 1990, principalmente por conta de políticas neoliberais como políticas públicas. Esse estado se perpetua no início do século XXI, principalmente onde os grandes monopólios industriais globais foram um dos entraves desses baixos índices de industrialização no Brasil. Assim, tendo o pior índice de desindustrialização em 2018, já no governo Temer.

Já nos poucos meses de governo Bolsonaro, o autor enfatiza as problemáticas ocasionadas pela política de abertura comercial como uma das principais políticas de crescimento adotado pelo governo. Em virtude dessa abertura comercial e fortalecendo cada vez mais seu grau de subordinação, o presidente Bolsonaro vem atrelando acordos bilaterais com EUA e divergindo tanto no âmbito político, econômico e diplomático com seu principal comprador, a China.

Dessa forma, essa estratégia de retomada do crescimento pode gerar consequências negativas como diminuição na arrecadação, isso por conta dos cortes nas tarifas de importação, e também desindustrialização, por conta da grande oferta de produtos industrializados importados.

É importante frisar a importância da industrialização, pois além de contribuir com o PIB através da exportação de tecnologias, também contribui para geração de emprego e renda do



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

BRASIL NA CONTRAMÃO DO DESENVOLVIMENTO
Diego Armando de Sousa Paz, Allison Bezerra Oliveira

país. Logo, a industrialização como é citada por Araújo (2013) em seu artigo “tendências do desenvolvimento regional recente no Brasil” tem grande papel nas transformações regionais que influenciam fortemente nas desigualdades regionais, essa inserida dentro do contexto amplo do desenvolvimento econômico. Não só é enfatizado a indústria como também a agropecuária como outro propulsor das desigualdades regionais.

Araújo faz um recorte histórico em seu texto, no qual enfatiza uma breve apresentação das heranças mais importantes do processo de ocupação humana e econômica do imenso território brasileiro e, posteriormente, políticas de desenvolvimento regional já início do século XXI, com o governo Lula.

Desse modo, são apontadas três características de heranças no processo de ocupação do território brasileiro como a forte concentração no litoral, diversidade regional e desigualdade regional, desigualdades essas agravadas no século XX, ocasionadas pela industrialização que surgia, principalmente, no sudoeste do país. Na tentativa de minimizar essas desigualdades, foram criados projetos como Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia - SUDAM (1966) e a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste - SUDENE (1959).

Contudo, é elencado pela autora que mesmo com tais projetos o Brasil fecha o século passado com grandes problemas que deságuam na queda do ritmo de crescimento de seu Produto Interno Bruto (PIB).

Nesse sentido, antes de apresentar as políticas adotadas para a diminuição dessas desigualdades regionais, é importante frisar a concepção de desenvolvimento, assim afirmando que desenvolvimento é algo além de crescimento econômico ou elevação do Produto Interno Bruto - PIB, onde essa afirmativa é explanada por Araújo (2013) através de políticas que romperam com esses padrões a partir de 2002, já com o Lula como presidente, no qual propôs políticas que experimentaria um ritmo elevado de crescimento da renda, como políticas públicas de transferência direta de renda (Bolsa Família), promovendo a elevação rápida e corajosa do salário mínimo real, expansão do crédito oferecido e incentivos à produtividade da agropecuária organizada pelos produtores familiares, políticas habitacionais (Programa Minha Casa Minha Vida) e etc.

Tais políticas vêm proporcionar um aquecimento no mercado em vista do aumento do poder de compra e facilidades de créditos para os mais pobres e, com esse dinamismo, houve relativo aumento dos investimentos em todos os setores da economia, assim provocando crescimento e desenvolvimentos em cidades de médio porte e contribuído para a desconcentração populacional de cidades já inchadas.

Medidas essas que trouxeram dinamismo nas cidades de médio porte com o aumento do consumo, investimentos e empregos, onde Araújo (2013) enfatiza que no período de 2003 a 2010 as taxas de crescimento da economia do Norte (5,4%), do Centro-Oeste (5%) e do Nordeste (4,9%) apresentaram-se mais elevadas que a média nacional (4,4%). Nesse interim, foram criadas políticas de base territorial para promover o desenvolvendo regional como interação com



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

BRASIL NA CONTRAMÃO DO DESENVOLVIMENTO
Diego Armando de Sousa Paz, Allison Bezerra Oliveira

territórios em que se predominava os produtores familiares e os assentados da reforma agrária e também a de promoção e apoio aos chamados Arranjos Produtivos Locais (APLs).

No artigo de Vieira (2012) “Estado Nacional e Escalas Geográficas: uma abordagem exploratória a partir de Neil Smith” vai ser destacado o conceito de escala geográfica, sendo pautado de forma exploratória uma abordagem feita por Neil Smith, assim explanando questões atreladas ao papel e formas de organização feita pelo Estado.

O autor tem uma preocupação em conceituar escala cartográfica de escala geográficas para assim adentrar dentro dos conceitos de escala impostas por Neil Smith. Ressalta a necessidade de entender que essas escalas, tanto geográficas como cartográficas, não se anulariam, assim enfatizando o papel da escala cartográfica como sendo uma escala geométrica se restringindo ao caráter meramente dimensional, relacionando o espaço real com a sua representação gráfica no mapa.

Nesse sentido, aborda também o conceito da escala geográfica como sendo o espaço real com seus aspectos, fenômenos e características. Sendo bem mais complexo que a escala cartográfica, a escala geográfica, como um instrumental metodológico de observação de fenômenos socioespaciais, vem ressaltar o ponto de observação do espaço social como o lugar, a região, a nação, o mundo não de forma hierárquica.

Nesse sentido, é ressaltada a compreensão do espaço hierarquizado como uma característica da organização geográfica do capitalismo. Logo, essa hierarquia de escalas geográficas dá ênfase à ideia de escala desenvolvida no qual está atrelada a acumulação primitiva, que implica na divisão territorial do trabalho. Logo, a formulação neilsmithiana da escala geográfica é retratada sobre a soberania da escala nacional, tendo sua coordenação o Estado que implica em arranjo “político-institucional-militar”. Nesse arranjo, o capital vai contribuir para cooperação-competição que resultará nos processos materiais e imateriais do espaço.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse sentido, é ressaltado que quando se tem nessa escala uma materialização geográfica do capitalismo as desigualdades da reprodução do capital irão ser ampliadas, que assim organizando a geografia por intermédio de múltiplas interações espaciais e práticas econômicas atreladas a divisão social e territorial do trabalho. Assim, a visão crítica tem esse papel de associar o espaço como parte das relações sociais e assim relacionar a escala espacial como materialidade da geografia do capitalismo.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, T. B. de. Tendências do desenvolvimento regional recente no Brasil. *In.*: BRANDÃO, C.; SIQUEIRA, H. (Orgs). **Pacto federativo, integração nacional e desenvolvimento regional**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2013.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR
ISSN 2675-6218

BRASIL NA CONTRAMÃO DO DESENVOLVIMENTO
Diego Armando de Sousa Paz, Allison Bezerra Oliveira

VIEIRA, D. J. Estado Nacional e Escalas Geográficas: uma abordagem exploratória a partir de Neil Smith. **Revista paranaense de desenvolvimento**, Curitiba, n.123, p.161-178, jul./dez. 2012. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4328188.pdf> .

CARDOSO, Fernanda G.; REIS, Cristina Fróes de Borja. Velhos dilemas, antiquadas soluções: o Brasil na contramão do desenvolvimento. *In.*: LEITE, Acácio et al. **Brasil - Incertezas e Submissão?** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2019.